

Baile de máscaras

A vida cristã pode se deteriorar muito facilmente em atuação religiosa e a comunhão se tornar um grande baile de máscaras. Isso acontece por que muitas vezes estamos em estágios básicos do discipulado, mas somos levados a atuar como discípulos maduros por pressão de nossa comunidade ou de nós mesmos. Ao invés de investirmos em nossa maturação espiritual, gastamos tempo e energia aprendendo a atuar mais e melhor para que venham a pensar que somos aquilo que aparentamos ser.

Foster afirma que os efeitos dessa atuação são desastrosos para nosso crescimento espiritual. “Vivemos a comunidade dos crentes como uma comunhão de santos antes de vê-la como uma comunhão de pecadores. Chegamos a sentir que todos os outros progrediram tanto em santidade que nos encontramos isolados e sozinhos em nosso pecado. Não suportaríamos revelar nossas falhas e deficiências aos outros. Imaginamos que somos os únicos que não puseram os pés na estrada do céu. Portanto, escondemo-nos uns dos outros e vivemos em mentiras veladas e em hipocrisia”.¹

A confissão é uma disciplina que possui dois ambientes: a confissão individual, feita ao Pai em oração, e a confissão comunitária, que acontece dentro do ambiente da comunhão. Vamos enfatizar aqui a segunda perspectiva, já que a primeira já foi tratada na disciplina da oração.

Segundo Willard, “confissão é uma disciplina que funciona dentro da comunhão. Nela, permitimos que pessoas confiáveis conheçam nossas fraquezas mais profundas e nossas falhas. Isso nutre nossa fé na provisão de Deus para nossas necessidades por meio do seu povo, nosso senso de ser amado e nossa humildade diante de nossos irmãos. Assim permitimos que alguns amigos em Cristo saibam quem somos na verdade, não retendo nada importante, mas procurando manter a máxima transparência. Deixamos de carregar o peso de esconder e fingir, que normalmente absorve uma quantidade espantosa de energia, e engajamo-nos mutuamente nas profundezas da alma”.²

A confissão, portanto, é o ambiente em que nos engajamos na prática de retirar as máscaras, parar de atuar e falar a realidade a respeito de quem somos e como estamos com pessoas com as quais temos uma profunda comunhão, pessoas que não vão nos destruir com sua crítica, mas que vão nos exortar em amor e orar conosco. A confissão é o intervalo do baile de máscaras.

Crescimento real

A disciplina da confissão é a porta de entrada para conhecermos o crescimento real, verdadeiro. A confissão faz isso por meio de um efeito duplo: primeiro por que ao retirar as máscaras podemos tomar consciência da gravidade de nossas faltas e pecados, e segundo por nos depararmos com a necessidade de uma transformação real em lugar da atuação fútil.

“A confissão também ajuda a *evitar* o pecado. Provérbios 28.13 diz que ‘quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia’. Obviamente, ‘confessar’ ajuda a ‘abandonar’, pois persistir num pecado dentro de um círculo íntimo de relacionamentos (sem mencionar a comunhão no corpo transparente de Cristo) é insuportável”³

A confissão é o ambiente onde podemos ser redimidos do pecado e da hipocrisia, cuja finalidade é mascarar o pecado. Por isso o Apóstolo Tiago, no final de sua epístola, recomendou a confissão como caminho de crescimento e amadurecimento, de cura e transformação: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados” (Tiago 5.15^a).

Por causa de sua profundidade de comunhão e por seus efeitos libertadores, a confissão é uma vigorosa disciplina da vida cristã. A confissão pode nos levar a um conhecimento maior de nosso pecado e assim também da

¹ FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina*, p.119

² WILLARD, Dallas. *O Espírito das Disciplinas*, p.189

³ Idem.

graça de Deus, pois o conhecimento de nós mesmos e o conhecimento de Deus são duas realidades interligadas, conforme nos ensinou Calvino. Quanto mais nos conhecermos, mais conheceremos o Pai.

O “ba a ba” da confissão

A disciplina da confissão deve ser articulada em um contexto de comunhão e confiança. Entretanto, para que os momentos de compartilhamento resultem em bênçãos e crescimento, devemos observar alguns princípios muito claros para que a coisa se desenrole direito.

O primeiro princípio é que a experiência de compartilhar fraquezas e pecados deve ser feita de maneira específica, clara e determinada. Não devemos generalizar ao dizer o que é o nosso pecado, numa tentativa de conservar nossa pretensa dignidade.

“Uma confissão generalizada pode livrar-nos de humilhação e vergonha, mas não produzirá cura interior. As pessoas que foram a Jesus, foram com pecados óbvios, específicos, e cada uma delas foi perdoada. É muitíssimo fácil evitar nossa verdadeira culpa numa confissão geral. Em nossa confissão trazemos pecados concretos. Todavia, ao chamá-los de concretos, não me refiro somente aos pecados do coração: orgulho, avareza, ira, medo, bem como pecados da carne: preguiça, glotonaria, concupiscência, crime”⁴.

O segundo princípio é deixar que o Espírito gere em nós o quebrantamento necessário para que a confissão seja profunda e sincera. Nos acostumamos a alguns pecados e dependendo da maneira como articulamos a confissão esta pode soar fria e indiferente. A tristeza é necessária a uma boa confissão. “A tristeza, no que se relaciona com confissão, não é antes de tudo uma emoção, embora esta possa estar presente. É uma repugnância por haver ofendido o coração do Pai. A tristeza é expressão da vontade antes de ser expressão das emoções. Em verdade, o estar emocionalmente triste sem uma tristeza piedosa e da vontade destrói a confissão”.⁵

O terceiro princípio para a construção de uma confissão poderosa é a decisão determinada de abandonar o pecado. Confessamos nosso pecado orando para sermos curados da culpa, pedindo ao Espírito de Deus que renove em nós o desejo de não pecarmos mais. “Pedimos a Deus que nos dê um ardente desejo de viver santamente, e um ódio pela vida ímpia... Buscamos de Deus a vontade de ser libertos do pecado quando nos preparamos para fazer confissão. Devemos desejar ser conquistados e governados por Deus, ou, se não o desejamos, desejar desejá-lo. Tal desejo é um dom gracioso de Deus. A busca deste dom é uma das condições prévias para se confessar a um irmão ou irmã”⁶.

Como ouvir

Quando estamos engajados em uma comunidade de suporte e comunhão, a confissão é articulada e ouvida por todos. Todos fazemos confissões e todos recebemos confissões. Portanto, olhando pelo lado de quem ouve a confissão, é necessário estabelecer princípios claros de audição que possam nos direcionar na tarefa de sermos cheios de graça e de justiça diante das vidas de quem ouvimos. Este é o nosso desafio: graça e justiça, sem exclusão de uma das duas mas ambas, e ao mesmo tempo.

Disse Bonhoeffer: “Quem quer que viva sob a Cruz e tenha discernido na Cruz de Cristo a suprema fraqueza de todos os homens e de seu próprio coração, verificará que não existe pecado que lhe seja estranho. Quem quer que outrora se tenha sentido horrorizado pela hediondez de seu próprio pecado que cravou a Cristo na Cruz, já não ficará horrorizado nem mesmo pelos mais grosseiros pecados de um irmão.”⁷ Precisamos ouvir com graça que resulta de uma profunda compaixão. Não estamos ali para determinar um juízo, mas para nos compadecermos, para orar e curar. Graça.

Entretanto, a graça produz a justiça. Ouvir uma confissão quebrantada com o coração compassivo não deve nos fazer perder de vista o fato de que por amarmos o irmão devemos ouvi-lo, orar com ele, e então exortá-lo e animá-lo a abandonar o pecado. Jesus nos ensinou assim ao ordenar a uma mulher que ele não julgou que não pecasse mais⁸. Graça que produz justiça! Ouça, ore, cure, e então exorte e anime, mostra a verdade da Palavra e fortaleça. Graça e justiça,

⁴ FOSTER, p.123

⁵ Idem.

⁶ Foster, p.124

⁷ APUD FOSTER, p. 124

⁸ Evangelho de João, Capítulo 8, verso 11.